

# REESTRUTURAÇÃO CAPITALISTA E A BASE PRODUTIVA DE PRESIDENTE PRUDENTE: FORDISMO/TAYLORISMO E ACUMULAÇÃO FLEXÍVEL E AS RELAÇÕES COM A EMPREGABILIDADE DOS TRABALHADORES

Nildo Aparecido de MELO<sup>1</sup>

## Resumo

O fordismo se configurou como o modelo de desenvolvimento seguido pelos principais países capitalistas desenvolvidos no pós-guerra, possibilitando um crescimento econômico sem precedentes na história do capitalismo e a constituição de sociedades de bem-estar-social, principalmente nos países desenvolvidos da Europa. Todavia, o modelo de desenvolvimento entrou em crise no início da década de 1970, engendrando um movimento de reestruturação capitalista, assentado na globalização/mundialização econômica e financeira, na hegemonia das políticas neoliberais e no advento da Terceira Revolução Industrial e Tecnológica. Em substituição ao modelo fordista emergiu uma nova forma de gestão do processo produtivo e das relações de trabalho, denominada acumulação flexível de capital. A análise da base produtiva local tem como objetivo, a compreensão das transformações ou continuidades no padrão técnico-produtivo nos últimos anos, como forma de confirmar a hipótese de que não houve mudanças significativas no conteúdo dos postos de trabalho e nas relações de trabalho que reforçassem a exigência cada vez maior de escolaridade e qualificação para a contratação ou permanência no emprego por parte dos trabalhadores prudentinos atualmente.

Palavras-chave: fordismo, taylorismo, acumulação flexível, empregabilidade.

## Abstract

The fordismo if configured how a model of development followed for the mainly countries capitalits developed inthe after-war, making a economic growth without precedents in the capitalism history and the constitution of society of well-be social, mainly in the developed countries of the Europe. However, the model of development entered incrisis in the beginning of decade of 1970, producing a movement of capitalism reorganization, putting in the economic globalization/worldest the neoliberal hegemony politics and the third advent of the industrial technologic revolution. In the substitution to the fordist model and a new way of management of the productive process and the relations, called flexible accumulation of capital. The analyzes of the local productive base has how objective, the understanding of transformations or continues of the standard technical-productive in the recent years, as form to confirm the hypothesis of that had not significant changes in the ranks of content of work in the relation of work that strengthened the requiriment each one time bigger of escolarity and qualificatin by act of contract or permanence in the job for prudentinos workers currently.

Keys words: fordismo, taylorismo, flexible accumulation, employability

## Introdução

A análise dos impactos das transformações do capitalismo contemporâneo sobre a base produtiva local, como forma de compreender as mudanças ou continuidades do processo produtivo, faz-se necessária para a apreensão das modificações associadas a adoção dos novos preceitos da economia flexível de capital ou da predominância do modelo fordista/taylorista de produção/reprodução do capital em Presidente Prudente atualmente.

Tal análise recai sobre a necessidade de confirmação da hipótese relacionada à exigência de maior escolaridade para a contratação e a permanência no emprego, articulada as transformações na empregabilidade dos trabalhadores inseridos formalmente no mercado de trabalho e dos trabalhadores desempregados, associada mais à desestruturação do mercado de trabalho local do que a mudanças significativas na base fordista de produção e taylorista de controle do trabalho.

As empresas foram selecionadas de acordo com a inserção mais ampla na economia globalizada, através das exportações de seus produtos, das relações com o mercado internacional, da forma de produção/reprodução de capital, do número de empregos que geram e da estrutura produtiva que mantém no município. Dessa forma as empresas analisadas foram: Regina Festas Ltda, Bebidas Funada Ltda, Vitapelli/Vitapeti e Staner Ltda.

<sup>1</sup> Professor mestre em Geografia pela FCT/UNESP de Presidente Prudente. Pesquisa já concluída "Evolução e dinâmica do mercado de trabalho formal e das relações de trabalho em Presidente Prudente: subsídios para a compreensão da dinâmica regional através do trabalho e do emprego formal". nildomelo@itelefonica.com.br.

No caso do setor bancário, as entrevistas com dirigentes sindicais da categoria evidenciaram a intensidade das transformações ocorridas no setor, tanto pela adoção de novas tecnologias, quanto pelas novas funções desempenhadas pelos trabalhadores, no bojo da ampla aplicação dos novos métodos de gestão da força de trabalho e das novas tecnologias da informação articuladas à informatização dos serviços prestados aos clientes.

Ademais, informações complementares se fizeram necessárias junto aos sindicatos representativos dos trabalhadores de algumas empresas, no sentido de ampliar os conhecimentos sobre o funcionamento das mesmas e as relações com os trabalhadores.

### **Considerações sobre o modelo de desenvolvimento fordista**

O modelo de desenvolvimento gestado durante a Segunda Revolução Industrial constituiu-se no padrão econômico seguido pelos principais países capitalistas no pós-guerra, estabelecendo uma configuração mundial que o tornou hegemônico, salvaguardando as especificidades nacionais e as condições históricas de desenvolvimento do capitalismo de cada nação.

Torna-se imprescindível ressaltar que todo modelo de desenvolvimento, colocado em movimento ao longo da história, se configura como uma tentativa de solucionar as principais contradições históricas do capitalismo que permaneceram inalteradas ao longo do tempo, tais como as relações salariais e as relações internacionais, advindas do caráter inexoravelmente mercantil do capitalismo (LIPIETZ; LEBORGNE, 1988, p.12).

Sob esse ponto de vista, deve-se analisar o modelo de desenvolvimento hegemônico sob três aspectos diferentes e concomitantes, de acordo com Lipietz e Leborgne (1988): um paradigma tecnológico ou modelo de industrialização, um regime de acumulação e um modo de regulação.

O modelo de desenvolvimento consolidado e ampliado no pós-guerra foi denominado fordista por Lipietz e Leborgne, ressaltando-se que o conceito nasceu de trabalhos da “escola francesa da regulação”, realizados a partir da segunda metade da década de 1970, com o intuito de compreender como o capitalismo pôde conhecer três décadas de crescimento econômico (os anos dourados do capitalismo) e os mecanismos reguladores que tornaram possível esse crescimento no período pós-guerra.

Ressalte-se que o fordismo deve ser compreendido através da articulação entre produção e consumo em massa, com a standardização e padronização dos equipamentos de produção e produtos, com ganhos de economia de escala, representando, historicamente um novo sistema de reprodução da força de trabalho, associado a uma nova forma de controle e gerência do trabalho, num contexto de construção de um novo tipo de sociedade democrática. (HARVEY, 1996).

Associado ao modelo de desenvolvimento fordista, o taylorismo, como forma de controle do trabalho no interior do processo produtivo, é entendido como um sistema de gestão científica do trabalho, através da separação entre as atividades de concepção e execução de tarefas, com o trabalhador realizando apenas gestos rotineiros, repetitivos e simples na linha de produção, representando a parcelização do trabalho e o controle da mão-de-obra pelo capitalista, através de um conjunto de normas e regras direcionadas ao trabalhador (HARVEY, 1996).

Para Braverman (1987), a separação do processo de trabalho entre planejamento e execução (a separação entre mão e cérebro, nos dizeres do autor, fragmentando o trabalho, reduzindo o custo da força de trabalho e provocando a parcelização e rotinização do trabalho na produção), se configurou como “a mais decisiva medida simples na divisão do trabalho tomada pelo modo capitalista de produção. Inerente a esse modo de produção desde os primórdios, e se desenvolve, sob a gerência capitalista, por toda a história do capitalismo”. (BRAVERMAN, 1987, p. 112), ou seja, a mais eficaz forma de controle do trabalho engendrada pelo capitalismo ao longo de sua história e a mais formidável estratégia de extração de mais-valia produzida pela articulação entre ciência e gerência do processo produtivo desde Taylor.

O modelo de desenvolvimento fordista propiciou uma prosperidade sem precedentes no pós-guerra e um crescimento econômico, baseado em ganhos de economias de escala, que possibilitou a retomada da acumulação/reprodução do capital, sendo esse período reconhecido como os “anos dourados do capitalismo”, tendo como conseqüência a expansão da industrialização aos países periféricos (Brasil, Argentina, México, Índia, Austrália e Tigres Asiáticos) e a recuperação econômica européia e japonesa devastadas pela guerra, além da constituição de *Welfare States* nos principais países capitalistas desenvolvidos.

### **Crise do fordismo e reestruturação capitalista**

Todavia, a “época de ouro” do capitalismo, iniciada no pós-guerra, entraria em crise no início dos anos de 1970, devido a quatro fatores determinantes, relacionados à crise do modelo de desenvolvimento: diminuição dos ganhos de produtividade, elevação da composição orgânica do capital, saturação da norma social de consumo e desenvolvimento do trabalho improdutivo (BIHR, 1999).

O agravamento da crise latente do fordismo, cujos sinais se tornaram evidentes pela aceleração da inflação, pelo endividamento das empresas e pelo aumento inexorável do desemprego, devido à substituição do trabalho pelo capital, como forma de aumentar a produtividade, se manifestou com o primeiro choque do petróleo no final de 1973 e início de 1974 e com o segundo “choque do petróleo” no início de 1979, colocando em evidência a crise estrutural do capitalismo ocidental e engendrando seu processo de reestruturação produtiva e econômica.

Entre os elementos da reestruturação capitalista, articulado ao advento de uma nova Revolução Industrial e Tecnológica assentada nas tecnologias da informação e na informatização do processo produtivo, na hegemonia das políticas neoliberais de liberdade irrestrita do mercado, inclusive com a determinação da flexibilização e desregulamentação do mercado de trabalho e ao processo de globalização/mundialização do capital desencadeado com a crise do fordismo, a economia flexível de capital surgiu como uma ruptura com os padrões rígidos de produção fordistas/tayloristas, apontando para a constituição de uma nova forma de gestão da produção, com a mescla de várias formas de acumulação de capital, dentre as quais se sobressai o modelo toyotista ou japonês, representando o redimensionamento do processo produtivo, a reorganização do trabalho na produção, a alteração das formas de gestão empresarial e, primordialmente, as relações entre as empresas.

Nesse sentido, o processo de acumulação flexível de capital deve ser entendido no bojo da flexibilidade dos equipamentos e dos produtos, de acordo com as oscilações da demanda, associados à flexibilidade do trabalho, caracterizando o processo produtivo e configurando a produção através também da terceirização de tarefas e transferência de riscos e da exigência constante e progressiva do cumprimento de metas de produtividade por parte dos trabalhadores, com o estabelecimento de premiação em casos específicos (HARVEY, 1996).

Contudo, a superação do fordismo/taylorismo pelo modelo toyotista de acumulação flexível não é total, mas uma “superação dialética”, segundo Harvey (1996), porque a acumulação de capital não pode prescindir da repetitividade do trabalho e do controle do tempo e dos movimentos dos trabalhadores no processo produtivo, ou seja, em diversas situações ocorre mesmo uma mescla entre os métodos de reprodução do trabalho e da acumulação de capital, como forma de extração de mais-valia.

### **Base produtiva local: permanência dos métodos fordistas/tayloristas associados a adoção parcial dos preceitos da acumulação flexível de capital**

Com relação a estrutura produtiva de Presidente Prudente, a empresa Regina Festas Ltda, que exporta seus produtos para o Chile, Paraguai, Argentina, Costa Rica, México, Angola, Índia e Guatemala, contando com cerca de 600 funcionários contratados diretamente e tendo 34% da produção direcionada para o mercado externo, tem como característica fundamental a quantidade e a diversidade de produtos exportados e os investimentos em qualidade para se diferenciar no mercado internacional e concorrer com os produtos e marcas estrangeiras, tais como a *Procos* (grega) e as americanas *Granmark* e *Hallmark*<sup>2</sup>.

Porém, a empresa não adota a automação do processo produtivo e o trabalho na linha de produção é predominantemente manual, devido, sobretudo às dificuldades de automação relacionadas à enorme diversificação dos produtos, não obstante o projeto da empresa de robotização da linha de embalagem para o início de 2009, como forma de baratear os custos e melhorar ainda mais a qualidade dos artigos para festas produzidos pela empresa.

A distância geográfica dos portos exportadores, o encarecimento do produto pela elevada carga tributária e o grande número de pedágios espalhados por vários estados da federação, mormente no Estado de São Paulo, dificultam o aumento das vendas e a inserção mais ampla da Regina Festas Ltda no comércio exterior<sup>3</sup> (a empresa é líder absoluta no Brasil na produção e venda de artigos para festas, detendo 64% do mercado interno). Também a ausência de incentivos fiscais pelo Governo do Estado de São Paulo e a denominada Guerra Fiscal entre estados da federação para atrair investimentos produtivos, dificultam o aumento das vendas para o exterior ou a ampliação da produção destinada ao mercado interno, levando a empresa a estudar a possibilidade de transferência de seu parque industrial para o Mato Grosso do Sul, onde já conta com uma fábrica de velas para festas (os incentivos fiscais oferecidos seriam o maior atrativo para tal mudança de toda a linha de produção de artigos para festas).

Em síntese, a inserção internacional da Regina Festas, numa economia globalizada, se dá muito mais pela quantidade de produtos exportados e pela exploração intensiva do trabalho manual, do que pela adoção das inovações tecnológicas baseadas na informatização e automação ampla do processo produtivo, dependendo também da conjuntura interna (incentivos fiscais por parte do Estado, segundo informações e visão da empresa) para a ampliação das exportações e para o atendimento mais amplo do mercado interno.

<sup>2</sup> Entrevista realizada durante Trabalho de Campo na empresa de artigos para festas Regina Festas de Presidente Prudente em setembro de 2007.

<sup>3</sup> Relata-se aqui tão somente a visão da empresa sobre os encargos tributários e a ausência de incentivos fiscais, conforme a entrevista concedida pela representante da Regina Festas Ltda em setembro de 2007.

Concernente ao padrão técnico produtivo sobressai a estrutura de fábrica fordista, com a empresa fornecendo o transporte, a alimentação no próprio local de trabalho, plano de saúde para os trabalhadores (com desconto de 70% na folha de pagamento) e a cesta básica. Somente a segurança externa da empresa e a mão-de-obra do restaurante são terceirizadas, como forma de reduzir os custos de produção e baratear os produtos para a venda no mercado interno e externo.

Na gestão da força de trabalho, a empresa exige o cumprimento de metas de produtividade e escolaridade média para a contratação de trabalhadores. A redução de custos também se dá pela terceirização na embalagem de seus produtos, pelo trabalho remunerado em domicílio e por tarefas. São esses “empregos” indiretos que tendem a ser eliminados com a futura automação do processo produtivo, no tocante a embalagem automatizada dos artigos para festas.

O trabalho subcontratado em domicílio e por tarefas, reflete o (re)surgimento de novas/velhas formas de trabalho (da mesma forma que o trabalho parcial, por tempo determinado e o trabalho temporário), relacionadas às transformações no mundo do trabalho engendradas pelo movimento de reestruturação capitalista das últimas décadas.

Portanto, o padrão fordista de produção em massa predomina, com algumas inovações na terceirização de funções e na exigência de produtividade no trabalho, articuladas aos métodos tayloristas de controle do trabalho também pelas metas a serem cumpridas pelos trabalhadores. Desse modo, o novo padrão de acumulação flexível de capital, não pode prescindir dos métodos fordistas e tayloristas de acumulação de capital, com a permanência da repetitividade e parcelização do trabalho no processo produtivo, ocorrendo uma mescla dos dois modelos (HARVEY, 1996), com a predominância do fordismo e do taylorismo como principais fatores no processo de produção/reprodução de capital no caso da empresa Regina Festas Ltda.

Ademais, a manutenção de frota própria para o transporte dos trabalhadores (não só no caso da Regina Festas, mas também da Vitapelli e Liane Alimentos, também acaba por se caracterizar como uma forma indireta de controle social do trabalho, com a redução dos custos de produção, através do controle do horário dos trabalhadores (eliminam-se os atrasos, por exemplo), das faltas (não tem como o trabalhador alegar que se acidentou durante o trajeto para a empresa, devido ao transporte coletivo deficiente, por exemplo, justificando a ausência) e do convívio coletivo mesmo fora do horário normal de funcionamento da empresa.

Com relação à Bebidas Funada Ltda, também se observa a inserção no comércio exterior através da exportação de produtos para o Japão, Bolívia e Paraguai. No caso do Japão, a venda dos produtos ocorre mais por tradição e pela origem da empresa (associada ao país asiático), com a margem de lucros sendo praticamente a mesma tanto no mercado interno, quanto no mercado externo, devido, sobretudo ao pouco valor agregado aos produtos. A concorrência no Japão se dá com os produtos de origem brasileira, tais como as marcas de refrigerante Xereta e Arco-Íris, especialmente pelo fato de os japoneses de origem não consumirem produtos estrangeiros, segundo o representante da empresa responsável pelas informações.

A Funada emprega atualmente 250 funcionários diretos e quase toda a linha de produção é mecanizada, exceto o início do processo (preparação da matéria-prima do produto) e a distribuição que são manuais. A distribuição dos postos de trabalho explicita bem a reduzida participação do trabalho manual na linha de produção: 160 trabalhadores na distribuição (carregamento dos caminhões), 50 na produção e 40 na administração e parte burocrática da empresa. Contudo, o trabalho não deixa de ser parcelizado e repetitivo, não se exigindo polivalência ou qualificação técnica permanente dos trabalhadores no manejo das máquinas no interior do processo produtivo, isto é, a manutenção do processo industrial “típico do paradigma tecnológico dominante no século XX, de base eletromecânica, através da automação dedicada, repetitiva e não programável” (COUTINHO, 1992, p. 72).

A distância dos grandes centros e dos portos exportadores e a carga tributária elevada fazem com que o alcance comercial da empresa seja apenas regional, relacionado ainda ao valor muito baixo agregado aos produtos<sup>4</sup>. Os incentivos fiscais na fábrica de Campo Grande (a empresa mantém 60 trabalhadores na planta distribuidora da capital do Mato Grosso do Sul), apontam para a possibilidade de mudança geográfica da empresa também para o estado do Mato Grosso do Sul, onde já conta com 67% de abatimento do ICMS incidente sobre os produtos por quinze anos.

A empresa adquiriu um robô para a paletização (empilhamento) e embalagem automática dos fardos de refrigerantes, o que poderá reduzir o número de empregados na linha de produção em torno de 08 trabalhadores por turno de trabalho ou 16 empregos a menos no setor de embalagem e empilhamento dos produtos para posterior escoamento.

Aqui se destaca a inserção externa pela tradição e pela exploração do trabalho através da mecanização do processo produtivo, com a padronização do trabalho sendo mantida, conjuntamente com a utilização de mão-de-obra intensiva no carregamento e na distribuição dos produtos, com a empresa tendo

<sup>4</sup> Segundo informações do Assessor de Comunicação da empresa, representando a visão da empresa sobre o assunto tratado.

uma abrangência apenas regional sobre a venda de seus produtos. A tendência de inovação tecnológica na “paletização” dos produtos demonstra a preocupação da empresa em reduzir custos de produção, fundamentalmente pela redução do trabalho na linha de produção, como forma de se manter no mercado ou ampliar sua participação tanto no mercado externo, quanto no mercado brasileiro, em consonância com a exigência de novas tecnologias no processo produtivo da Terceira Revolução Industrial e Tecnológica.

No que concerne à estrutura produtiva, se observa uma mescla do padrão fordista de fábrica associado com novas formas de gestão do processo produtivo: se de um lado, predomina a estrutura fordista de manutenção dos veículos da empresa, grande parte do frete (a empresa mantém frota própria, se responsabilizando por 70% do transporte e escoamento da produção) e alimentação fornecida pela própria empresa, além da manutenção do transporte mediante o uso de vale-transporte e por veículo próprio após o turno de trabalho, por outro lado, parte do frete já é terceirizada (30%), assim como a limpeza da área de produção.

A redução de custos de produção é feita de maneira especial pela terceirização do processo de sopro (matéria-prima da garrafa PET). O tubete que dá origem à garrafa para armazenamento do refrigerante é feito por uma empresa terceirizada que funciona dentro dos galpões da Funada, o que possibilita a redução significativa de custos, com a transferência dos riscos para outra empresa, caracterizando uma clara forma de terceirização ou subcontratação associada ao novo paradigma da acumulação flexível de capital.

Essa forma de terceirização remete indubitavelmente a inúmeros problemas relacionados ao enquadramento jurídico dos trabalhadores quanto à representatividade político-sindical por categoria e a um processo de divisão entre os trabalhadores da contratante e os terceirizados, podendo ser facilmente comparado ao caso da fábrica da Honda de Sumaré, que mantém uma empresa terceirizada (a Logística Sumaré Ltda ou LSL) operando nas dependências da própria empresa, conforme análise do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC.

Portanto, a opção pela terceirização de funções antes desenvolvidas pela própria empresa, como no caso da Funada, (a Honda pratica a terceirização desde a inauguração da fábrica no Brasil, datada de setembro de 1998), é motivada pela redução de custos e de riscos de produção através da transferência de responsabilidades para terceiros e, sobretudo, da fragmentação da representatividade sindical dos trabalhadores e da divisão dos mesmos no processo de mobilização para a luta em torno de direitos trabalhistas e melhorias nas condições de trabalho.

A exigência de ensino médio completo, local de residência próximo à empresa (representando outra forma de controle social do trabalho, com o trabalhador podendo se envolver mais com a empresa e ser solicitado mais rapidamente quando e como quiser pela direção, além da explícita redução com os custos de transporte dos trabalhadores), experiência profissional e alguma indicação na empresa (*network*), são os requisitos essenciais para a contratação. A permanência na empresa depende do cumprimento de metas de produtividade e da avaliação diária dos encarregados de setor, com a empresa utilizando significativamente a contratação temporária nas épocas de aumento das vendas, geralmente por 90 dias (verão e fim de ano), demitindo os funcionários excedentes quando as vendas voltam ao normal e o funcionamento da empresa é realizado apenas em um turno de trabalho.

A empresa Vitapelli/Vitapeti se caracteriza também pela significativa inserção externa, exportando derivados do couro bovino para 26 países nos continentes americano, europeu e asiático (Itália, Estados Unidos, China, Indonésia, por exemplo), sendo o 2º maior exportador do setor no Brasil. A empresa emprega aproximadamente 3.200 trabalhadores, denominados por ela de “colaboradores”, tendo como diferencial para concorrer no mercado internacional a quantidade de produtos exportados e o preço baixo<sup>5</sup>.

O processo produtivo não é automatizado e o trabalho é praticamente todo manual, não exigindo qualificação e nem escolaridade para a contratação na empresa. Na Vitapeti, o trabalho predominantemente manual é realizado por 400 mulheres e na Vitapelli o trabalho, repetitivo e pesado é executado na maioria por homens<sup>6</sup>.

A rotatividade é alta na empresa, tanto pela demissão de trabalhadores por parte da empresa, quanto pelo desligamento espontâneo do próprio trabalhador, devido ao trabalho pesado e insalubre na linha de produção e a tentativa de conseguir colocação nas usinas de açúcar e álcool que estão sendo abertas em Presidente Prudente e na região atualmente<sup>7</sup>.

Num contexto de pouca exigência de qualificação profissional, pouca tecnologia aplicada ao processo produtivo, trabalho precário e insalubre e a existência de um enorme exército de reserva, pelo desemprego aberto ou de longa duração, a empresa pode se dar ao luxo de trocar o quadro de funcionários quando bem entender, justificando também a enorme rotatividade de mão-de-obra em todos os meses do ano.

<sup>5</sup> Entrevista de campo na fábrica de produtos derivados do couro Vitapelli/Vitapeti de Presidente Prudente.

<sup>6</sup> Sindicato dos Trabalhadores na Indústria de Artefatos e de Curtimento de Couros e Peles do Oeste e Sudoeste do Estado de São Paulo.

<sup>7</sup> Segundo o presidente e o vice-presidente do Sindicato dos Trabalhadores na Indústria de Artefatos e de Curtimento de Couros e Peles em entrevista concedida em setembro de 2007.

A inserção da empresa na economia globalizada ocorre, dessa forma, pela exploração intensiva do trabalho manual, pela quantidade de produtos derivados do couro exportados e pelo preço baixo praticado no comércio exterior, com nenhuma inovação tecnológica no processo produtivo e a manutenção de um enorme quadro de funcionários, que realizam atividades repetitivas e insalubres na linha de produção. A produção em massa fordista se destaca, mesmo com a adoção de alguns preceitos da economia flexível, como a denominação dada aos trabalhadores: a indicação de “colaboradores” da empresa aponta explicitamente para uma mudança de perfil ideológico, talvez com a intenção de conquistar mercados no exterior, diretamente relacionado com os programas de qualidade total da reestruturação produtiva do capitalismo e do neoliberalismo (LIMA, 2006).

A nova e estratégica denominação dada aos trabalhadores se enquadra perfeitamente dentro dos princípios da acumulação flexível relacionados ao controle e disciplina que tem como objetivo quebrar as resistências dos trabalhadores, através da imposição do “modelo do trabalhador colaborador e da empresa como o ambiente onde pode aflorar o consenso social” (LIMA, 2006, p. 115).

No que concerne ao padrão produtivo se observa a manutenção das estruturas fordistas de produção, com a empresa fornecendo a alimentação em refeitório próprio e mantendo a cozinha e a segurança interna sob sua responsabilidade, fornecendo também cesta básica aos funcionários. A manutenção dos veículos também é realizada pela própria empresa, que mantém a frota própria para o transporte diário dos trabalhadores nos três turnos de trabalho. O cumprimento de metas de produtividade também é incentivado, através de premiação em dinheiro para o trabalhador que ultrapassar as metas estabelecidas para o mês, o que corresponde a R\$ 120,00 a mais no salário mensal.

Por conseguinte, a empresa é um grande exemplo de fábrica fordista, mantendo toda a estrutura de transporte, alimentação e segurança dos trabalhadores, que executam tarefas necessariamente manuais e repetitivas, com o trabalho pesado e insalubre na linha de produção, associado ao controle extremo do trabalho, pela determinação de tempos de trabalho e de descanso e normas de como proceder na execução das tarefas, apresentando, no entanto, algumas pequenas inovações, como a premiação para a superação mensal de metas de produtividade, combinando assim, estrategicamente e ofensivamente, coerção, força e consentimento dos trabalhadores ao processo de exploração da força de trabalho e a acumulação de capital, pela produção e reprodução das condições de trabalho e das formas de produção na empresa atualmente.

Já a Staner, independentemente de sua inserção ser apenas no mercado nacional de produtos eletrônicos, se caracteriza como outra empresa que associa os métodos fordistas de produção e tayloristas de controle do trabalho, com algumas inovações na gestão da força de trabalho, segundo informações do Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias Metalúrgicas de Presidente Prudente.

A Staner emprega 140 trabalhadores em Presidente Prudente, sendo 80 na linha de produção e 40 na administração da empresa, com 20 trabalhadores afastados por motivos diversos. Parte da produção é mecanizada e outra parte já apresenta algum grau de automação, ou seja, se destaca nesse caso a adoção dos preceitos da automação fragmentada do fordismo, dominada por linhas de montagem no processo produtivo (COUTINHO, 1992).

O padrão produtivo da empresa continua sendo essencialmente fordista, com a manutenção da estrutura de segurança, limpeza e transporte por vale-transporte sob responsabilidade da mesma. Todavia, o refeitório e o frete para o transporte e distribuição dos produtos já são terceirizados, apontando para uma mescla dos métodos tradicionais com as novas formas de acumulação flexível de capital (HARVEY, 1996).

O trabalhador para ser contratado e se manter na empresa passa por um processo seletivo que envolve vários testes, com a exigência do ensino médio completo. O tempo de produção é cronometrado (sem premiação e exigência de metas de produtividade) e o controle de frequência é feito rigorosamente por meio de cartão de ponto eletrônico.

Em síntese, nessas empresas selecionadas, a característica principal é a manutenção dos padrões fordistas de produção em massa e dos métodos tayloristas de controle do trabalho, com algumas variações na aplicação dos novos métodos relacionados à acumulação flexível de capital, tais como a terceirização de parte do processo produtivo (frete, limpeza e alimentação), a exigência de escolaridade para a contratação e a premiação pelo cumprimento de metas de produtividade, bem como a inserção externa numa economia globalizada, ser direcionada pela quantidade de produtos exportados e pelo preço baixo praticado no mercado internacional.

Quando se analisam os impactos subjacentes à aplicação de tecnologias inovadoras no processo de produção/reprodução de capital, as transformações verificadas no setor bancário nas últimas décadas, são exemplos explícitos da adoção maciça de novas tecnologias no setor de serviços, articuladas a terceirização e exigência de metas de produtividade nos bancos.

Nesse contexto, o setor bancário em Presidente Prudente e região abrangida pelo Sindicato da categoria<sup>8</sup>, empregava 3.500 trabalhadores, em 1990, passando para apenas 1.150 bancários empregados

<sup>8</sup> Municípios abrangidos pelo sindicato: Presidente Prudente, Álvares Machado, Alfredo Marcondes, Santo Expedito, Presidente Bernardes, Mirante do Paranapanema, Sandovalina, Estrela do Norte, Pirapozinho, Anhumas, Regente Feijó, Taciba, Rancheira, Martinópolis, Tarabai, Iepê e Indiana.

no setor atualmente, ou seja, aproximadamente 30% do que havia na década de 1990. Um exemplo bastante simbólico dessas transformações do setor bancário é a redução de trabalhadores na agência do Banespa (atual Santander) do centro de Presidente Prudente: em 1983, 240 bancários trabalhavam na referida agência, hoje são apenas 46, segundo o Sindicato dos Bancários de Presidente Prudente e região.

A automação ampla dos serviços bancários, com a adoção de tecnologias da informação e da informatização dos serviços, tais como os caixas automáticos 24 horas para saques, depósitos, transferências de valores, pagamentos diversos, entre outros (o auto-atendimento), através notadamente da ampliação do uso do código de barras e a disseminação de serviços bancários para outros setores, como as casas lotéricas, os correios e os correspondentes bancários, são as causas indicadas pelo sindicato da categoria para a redução significativa de trabalhadores no setor desde a década de 1990, representando a reestruturação produtiva no setor em consonância com os preceitos das inovações tecnológicas atuais e das novas formas de gestão da força de trabalho relacionadas a acumulação flexível de capital largamente empregada nas principais economias desenvolvidas.

Ressalte-se que o trabalhador dos outros setores que executam serviços bancários, precipuamente das casas lotéricas, é duplamente explorado: pelo proprietário da casa lotérica e pelo banqueiro, que lucra sem precisar se responsabilizar pelos encargos sociais e trabalhistas de um bancário, por exemplo. Também vale sublinhar que a transferência de serviços bancários para esses outros setores se caracteriza como uma *terceirização disfarçada e não declarada*, com o banqueiro transferindo riscos e custos para terceiros.

No caso dos trabalhadores terceirizados executando atividades nos próprios bancos, representam à redução do número de trabalhadores bancários contratados e a divisão da categoria (os terceirizados não são enquadrados no salário de um bancário e não tem os mesmos direitos assegurados). Os trabalhadores terceirizados ganham pelo dia trabalhado e tem de cumprir metas de produtividade, chegando a ganhar apenas o salário mínimo, enquanto um bancário tem um salário base em torno de R\$ 839,66, mais o vale alimentação de R\$ 540,00 mensais.

Na perspectiva sindical os bancários se transformaram em vendedores de produtos, como empréstimos, seguros e consórcios, tendo de cumprir metas de produtividade para não serem demitidos. No setor público, o bancário que não cumprir metas não tem promoções, certamente será remanejado de função e não participa da divisão dos lucros do banco. Aqui sobressai a adoção dos preceitos da acumulação flexível de capital e das tecnologias da informação, permeadas pelo ideário neoliberal destacadas por Harvey (1996).

Essas transformações do setor bancário, por sua vez, estão em consonância com as inovações tecnológicas da Terceira Revolução Industrial e com as modificações verificadas no setor em âmbito nacional, através da adoção de tecnologias da informação, do uso amplo do código de barras e da implementação de caixas automáticos para saques, pagamentos e transferência de valores.

Com relação aos postos de trabalho eliminados pela tecnologia, na visão sindical, esse processo é irreversível, a não ser com a adoção de outra ideologia que não tenha no mercado o eixo central de funcionamento da sociedade e principalmente do mercado de trabalho. Em contrapartida, como uma das soluções apontadas pelo sindicato para a superação da crise do mundo do trabalho no setor bancário, está a Reforma Sindical, notadamente a redução do número de sindicatos por categoria profissional no Brasil e o cumprimento da Clausula 158 da Organização Internacional do Trabalho (OIT), que estabelece que não deve haver demissão se a empresa estiver lucrando.

## Considerações Finais

Em suma, a manutenção do paradigma técnico-produtivo fordista e a exploração intensiva do trabalho, pela exacerbação dos princípios tayloristas de controle da força de trabalho (com exceção do setor bancário), mesmo com a adoção parcial de métodos inovadores de gestão da força de trabalho (que apontam para mudanças significativas em andamento na economia e no mercado de trabalho local), como a terceirização de tarefas e a exigência e premiação por produtividade, com a mescla mesma dos princípios fordistas/tayloristas de produção com a acumulação flexível de capital, evidenciada por Harvey (1996) caracterizam o padrão técnico-produtivo local e o processo de produção/reprodução de capital e extração de mais-valia.

Nesse contexto, o significativo exército de reserva a disposição das empresas, resultado da deterioração do trabalho e do emprego estabelecida no município nas últimas décadas, especificamente entre os anos de 1996 e 2006, em consonância com a desestruturação do mercado de trabalho nacional e com a crise do mundo do trabalho na atual fase de expansão do capitalismo, determinam a exigência cada vez mais ampla de escolaridade e de qualificação profissional para a inserção e permanência num mercado de trabalho extremamente competitivo e excludente.

Esse processo de desestruturação do mundo do trabalho em Presidente Prudente, por sua vez, é representado pelo desemprego elevado, pela precarização das condições e relações de trabalho, pela alta rotatividade da mão-de-obra empregada, com a manutenção de salários sempre baixos e a desigualdade

entre homens e mulheres no mercado de trabalho, pela informalização das relações de trabalho e a tendência crescente de propensão a inempregabilidade para trabalhadores acima de 35 anos de idade, com baixa escolaridade e com mais de dois anos sem registro em carteira, determinando as transformações na empregabilidade dos trabalhadores e as exigências cada vez maiores para a (re)inserção e a manutenção do emprego sob o capitalismo em sua fase recente de reestruturação produtiva e econômica e a desestruturação do mundo do trabalho das últimas décadas.

### Referências Bibliográficas

ANDERSON, Perry. **Balço do Neoliberalismo**, In: Pós neoliberalismo, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1995, pág. 09-23.

ANDRADE, Manuel Correia de. **Uma Geografia para o século XXI**. Campinas: Papyrus, 1994.

ANTUNES, Ricardo. **A rebeldia do trabalho (O Confronto Operário no ABC Paulista: AS greves de 1978-1980)**, São Paulo, Ensaio, 1988.

ANTUNES, Ricardo (org). **Riqueza e miséria do trabalho no Brasil**. São Paulo: Boitempo, 2006.

BIHR, Alain. **Da grande noite à alternativa: o movimento operário europeu em crise**. São Paulo: Boitempo, 1999.

BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego. **RAIS e CAGED**. Disponível em <<http://www.mte.gov.br>> acesso no período de junho de 2007 a fevereiro de 2008.

BRAVERMAN, Harry. **Trabalho e capital monopolista: a degradação do trabalho no século XX**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1987.

BRUNHOFF, Suzanne de. **A hora do mercado: crítica do liberalismo**. São Paulo: Editora da UNESP, 1991.

CHESNAIS, François. **A mundialização do capital**. São Paulo: Xamã, 1996.

CHOSSUDOVSKY, Michel. **A globalização da pobreza: impactos das reformas do FMI e do Banco Mundial**. São Paulo: Editora Moderna, 1999.

COUTINHO, Luciano. A Terceira revolução Industrial e Tecnológica: as grandes tendências de mudança. **Economia e Sociedade**. Campinas: UNICAMP/IE, n. 1, p. 69-87, agosto 1992.

HARVEY, David. **Condição pós-moderna**. São Paulo, Loyola, 1996.

JINKINGS, Nise. A reestruturação do trabalho nos bancos. In: ANTUNES, Ricardo (org). **Riqueza e miséria do trabalho no Brasil**. São Paulo: Boitempo, 2006.

LIMA, Eurenice. Toyota: a inspiração japonesa e os caminhos do consentimento. In: ANTUNES, Ricardo. **Riqueza e miséria do trabalho no Brasil**. São Paulo: Boitempo, 2006.

LIPIETZ, Alain; LEBORGNE, Danièle. O pós-fordismo e seu espaço. **Espaço e Debates**, n.º 25, NERU, São Paulo, Ano VIII, 1988.

MARX, Karl. **O Capital: crítica da economia política**. São Paulo: Nova Cultural, 1988.

MATTOSO, Jorge Levi. **A desordem do trabalho**. São Paulo: Página Aberta/Scritta, 1995.

MATTOSO, Jorge Levi. **O Brasil desempregado: como foram destruídos mais de três milhões de empregos nos anos 90**. São Paulo, Perseu Abramo, 2000.

MELO, Nildo Aparecido de. **Dinâmica do emprego/desemprego e empregabilidade dos trabalhadores do setor privado em Presidente Prudente: contribuição à análise crítica do mercado de trabalho e da relação capital/trabalho na economia local**. Monografia de Bacharelado, Presidente Prudente, UNESP/FCT, 1999.

MELO, Nildo Aparecido de. **Evolução e dinâmica do mercado de trabalho formal e das relações de trabalho em Presidente Prudente: subsídios para a compreensão da dinâmica regional através do trabalho e do emprego formal.** Dissertação de Mestrado, Presidente Prudente, UNESP/FCT, 2008.

POCHMANN, Marcio. **O trabalho sob fogo cruzado: exclusão, desemprego e precarização no final do século.** São Paulo: Contexto, 1999.

SADER, Emir. **A vingança da história.** São Paulo: Boitempo Editora, 2003.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: Técnica e tempo, razão e emoção.** São Paulo: Hucitec, 1996.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal.** São Paulo: Record, 2001.

SINGER, Paul. **Globalização e Desemprego: diagnóstico e alternativas.** São Paulo: Contexto, 1998.

SOARES, Paulo de Tarso P. L. **O pólo dominante de um governo contraditório.** [S.l.: s.n), 2004, Mimeografado.

SPOSITO, Eliseu Savério. **Produção do espaço e redefinições regionais: a construção de uma temática.** Presidente Prudente: UNESP/FCT/GAsPERR, 2005.